

APOIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

*Sérgio Schaefer**
*Inácio Helfer***

Resumo

O artigo apresenta uma reflexão sobre os resultados mais significativos alcançados na pesquisa desenvolvida pelos autores em 2000-2001, intitulada "Análise dos apoios teóricos e metodológicos presentes nas dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/Mestrado da UNISC (1996-1999)." Discute os temas e problemas abordados por 38 dissertações defendidas neste curso de Mestrado, suas opções teóricas e metodológicas e a forma de utilização desses apoios, com o objetivo de apontar algumas tendências nas dissertações e contribuir para possíveis redimensionamentos da ação pedagógica daquele Programa.

Palavras-chave: Apoios teóricos e metodológicos, Metodologia de pesquisa, Desenvolvimento Regional, Dissertação, Mestrado

1 AS INTENÇÕES DO PRESENTE ARTIGO

O texto que segue procura fazer uma reflexão sobre os resultados mais significativos alcançados na pesquisa desenvolvida pelos autores em 2000-2001, intitulada "Análise dos apoios teóricos e metodológicos presentes nas dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/Mestrado da UNISC (1996-1999)".¹

* Professor de Filosofia na UNISC.

** Professor de Filosofia na UNISC e na UNISINOS.

¹ Esta pesquisa teve o apoio do Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP), ligado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

A investigação propôs-se analisar as primeiras 42 dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul - criado em 1994 - e organizou-se em torno dos seguintes procedimentos: levantamento dos temas e problemas abordados pelas dissertações, de seus apoios teóricos e metodológicos; análise da forma como esses apoios foram utilizados; e, por fim, uma avaliação relacionada ao resultado final alcançado em cada dissertação.

Das dissertações previstas para análise, quatro foram deixadas de lado, devido ao teor técnico das mesmas e pela dificuldade encontrada - e também desconhecimento por parte dos pesquisadores - em relacionar seus embasamentos teóricos com as práticas metodológicas. Foram as seguintes:

- A sustentabilidade qualitativa e quantitativa do abastecimento de água na zona urbana de Santa Cruz do Sul
- A construção de um índice de expectativas da conjuntura econômica para Santa Cruz do Sul
- Áreas inundáveis no urbano: rio Taquari, RS, Brasil
- Estudo da qualidade da água de poços artesianos da região do Vale do Rio Pardo, RS, Brasil, com destaque para a concentração de fluoretos

Foram estudadas, portanto, 38 dissertações, cuja relação damos a seguir:

- Igreja e juventude. A história da Juventude Católica da Diocese de Santa Cruz do Sul durante o episcopado de Dom Alberto Etges - 1959/1986
- Esporte e identidade regional: o caso do basquetebol em Santa Cruz do Sul
- Sustentabilidade na agricultura: o caso do município de Vale do Sol
- A contabilidade como instrumento de gestão nas pequenas empresas de Santa Cruz do Sul
- O bacharel em Ciências Contábeis da UNISC: uma análise de sua atuação profissional
- Hanseníase: a história de um problema de saúde pública
- O movimento no trabalho e a qualidade de vida: um cenário alternativo
- Fatores que determinam a distensão muscular e influem na prática de futebol sete e de futsal como lazer em Santa Cruz do Sul
- A função da propriedade urbana: responsabilidade interventiva do Estado Democrático de Direito à sua efetivação
- Concepções de mundo presentes no ensino de História, de 5ª a 8ª séries, nas Escolas Estaduais da área de abrangência da 6ª Delegacia de Educação (1961-1990)
- Tributos municipais como agentes possibilitadores da função social da cidade
- O impacto do programa de qualidade total no ambiente da Companhia Avícola Miuano

- 'Sustentabilidade' e 'endogenização' como princípios balizadores do desenvolvimento regional: análise da estratégia de desenvolvimento proposta para a área da Bacia do Rio Uruguai
- Números racionais: um estudo fenomenológico com os estudantes do terceiro grau
- A iniciação à educação científica dos alunos e a atuação do professor nas escolas de Santa Cruz do Sul. A formação do educando para a pesquisa
- A prevalência do sobrepeso e da obesidade na população adulta de Santa Cruz do Sul: análise dos programas de saúde e da questão alimentar
- Avaliação de projetos de reflorestamento em pequenas propriedades rurais - o caso do Alto Uruguai, RS
- A saúde corporal nas escolas públicas municipais de 1º grau de Santa Cruz do Sul
- Criação e extinção da micro e pequena empresa: o caso de Santa Cruz do Sul
- Deficiência física e integração social: estudos de casos em Santa Maria
- Fatores que contribuíram para que indústrias familiares de Santa Cruz do Sul superassem a condição de pequenas empresas: estudo de casos
- Assistência judiciária da UNISC como meio de acesso à justiça na Comarca de Santa Cruz do Sul
- Uma história do binômio saúde/doença em Santa Cruz do Sul, 1849-1908
- O movimento ecologista no Rio Grande do Sul - uma abordagem histórico-social de sua trajetória no período 1970-1995
- A empresa familiar e a distribuição dos produtos industrializados: um estudo de caso da Filler S.A. de Santa Cruz do Sul
- Percepção do adolescente de 12 a 18 anos das escolas urbanas de Santa Cruz do Sul em relação às drogas psicotrópicas
- Refletindo sobre a recuperação do apenado no sistema penitenciário do Vale do Rio Pardo
- As raízes da crise da Metade Sul - uma análise da exploração pecuária na formação econômica do Rio Grande do Sul
- As contribuições para o desenvolvimento da agricultura familiar de projetos de desenvolvimento rural - o caso do projeto Prorenda
- Responsabilidade municipal no parcelamento do solo urbano
- Escola-empresa: a formação de alunos trabalhadores em Santa Cruz do Sul
- A interferência do modelo de desenvolvimento de Santa Cruz do Sul na concepção do turismo
- A cultura no desenvolvimento do turismo em Santa Cruz do Sul
- Análise da dinâmica de funcionamento do Conselho Municipal de Saúde de Santa Cruz do Sul

- O Sistema Único de Saúde e os profissionais da saúde de nível universitário na Rede Pública de Santa Cruz do Sul - um estudo sobre recursos humanos do SUS, através das representações sociais
- Avaliação institucional da gestão escolar na escola pública: a democracia no processo decisório
- Região e identidade regional: um estudo da espacialidade e representatividade regional no Vale do Rio Pardo
- Mercado de carne de peixe de água doce em Santa Cruz do Sul/RS/Brasil: uma análise do comportamento do consumidor

Em todas elas, como antes foi mencionado, procurou-se determinar, além dos temas e problemas abordados, os apoios teóricos e metodológicos e a forma de sua utilização. Essa determinação foi complementada por uma avaliação crítica do desempenho teórico-metodológico de cada texto dissertativo.

2 O MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA UNISC

O Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/Mestrado da UNISC tem sua concepção alicerçada na interdisciplinaridade e sua operacionalização baseada na interdepartamentalidade. Busca, de modo principal, alcançar dois objetivos: a) promover a formação e o aprimoramento de profissionais para o exercício de atividades de pesquisa, de assessoria e consultoria, de avaliação e planejamento estratégico, em instituições públicas e privadas, valorizando sempre o resgate da cidadania e a qualidade de vida do homem e da sua comunidade; b) fomentar e consolidar pesquisas significativas nas respectivas áreas de concentração, promovendo assim um aprofundamento dos conhecimentos relativos ao desenvolvimento de uma região.

Para alcançar isto, o Programa pretende incentivar a atividade permanente de pesquisa, que atenda às mudanças inerentes ao movimento das instituições econômicas, das organizações políticas da esfera estatal e da sociedade civil, mudanças tecnológicas, ambientais, bem como as alterações próprias às esferas jurídicas e simbólicas (costumes, religião etc.), que normatizam e orientam o universo das representações dos membros de uma comunidade regional.

O Programa mantém quatro áreas de concentração: 1. *sócio-cultural*, preocupada com a promoção de conhecimentos relativos ao desenvolvimento social e cultural de uma região, com questões relacionadas à educação do homem-cidadão e com o estudo das características sociais que estruturam a identidade cultural de uma região; 2. *econômico-organizacional*, que tem como objetivo promover e aprofundar conhecimentos referentes

aos sistemas econômico e organizacional de uma região, a fim de buscar um desenvolvimento que possibilite uma vida digna a toda a população; esses conhecimentos são permanentemente rediscutidos através do aprofundamento de questões tais como globalização e regionalização de mercados, planejamento e organização da produção, reestruturação produtiva, competitividade, gestão empresarial, sustentabilidade e outras; c) *tecnológico-ambiental*, voltada ao conhecimento dos processos naturais, tecnológicos e sócio-econômicos, e de suas interações, para a formulação de uma relação de equilíbrio com o ambiente; d) *político-institucional*, que busca potencializar o debate a respeito das relações que envolvem o saber político-jurídico, a fim de aplicá-lo à perspectiva transformadora dos espaços urbano e rural, local e regional, como também construir propostas de políticas públicas².

3 OS APOIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS EM PESQUISAS

Uma das grandes compreensões contemporâneas da epistemologia é aquela que defende a noção de que o conhecimento, numa pesquisa, avança por intermédio de pressupostos teórico-metodológicos. A coerência das proposições explicativas do objeto de estudo estaria recebendo um selo de garantia, mesmo que selo provisório, uma vez que a explicação teria se dado no interior de um conjunto de sentenças mais abrangentes formuladas anteriormente à resolução dos problemas ou questões da investigação. Além do mais, acredita-se que os problemas colocados e as soluções apresentadas gravitam em torno de um marco teórico-metodológico que lhes serve de referência ou de paradigma³. Por isso, não há "bons problemas" sem teorias e métodos, como também não há "teorias" e "métodos" consistentes sem o exame criterioso da resolução desses problemas, de modo que o sucesso da transformação das dissonâncias em consonância (ao menos parcial) sirva de esteira para a emergência de novas teorias e métodos. As teorias e métodos auxiliam na resolução de problemas, como os problemas nascem no bojo do conhecimento de teorias e métodos.

As teorias podem ser tantas quantas forem as leituras que os homens fazem do mundo. Na ciência foram geradas, ao longo da história, em diferentes campos do saber, muitas teorias com pretensões de universalidade, objetividade e racionalidade (aspectos normalmente aceitos como próprios da cientificidade). No campo das ciências humanas, e em se tratando do estudo de fenômenos sociais, por exemplo, podemos mencionar a compreensão positivista de sociedade, a marxista, a weberiana etc. Há muitas teorias sobre um mesmo objeto, e muitas disputam com bons argumentos sua explicação.

Do mesmo modo, existem várias metodologias de apreensão e análise da realidade. Nas ciências humanas, em geral, elas estão vinculadas às teorias, de modo que a opção de

² Cf. o documento *Coleta de Dados/DataCAPES* de 12.3.2001 e folder de divulgação do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC, 2001.

³ Kuhn, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. S. Paulo: Perspectiva, 1978.

uma teoria implica, via de regra, a utilização de uma metodologia. Uma teoria marxista de análise da realidade social privilegia a opção pela metodologia dialética (num sentido geral do conceito, pois há muitas compreensões sobre o assunto: os marxistas ortodoxos têm uma opinião, os frankfurtianos, outra etc.); uma perspectiva teórica fenomenológica de abordagem de um tema normalmente privilegia a metodologia fenomenológica ou hermenêutica (embora seja incorreto considerar a hermenêutica como um método); a teoria estruturalista privilegia a utilização da metodologia sistêmica; uma teoria piagetiana sobre a formação e aprendizagem de crianças privilegia procedimentos metodológicos estruturalistas; etc. Se estes vínculos, didaticamente, auxiliam na compreensão do assunto, não significa que, na prática, haja uma rigidez no emprego destas perspectivas em pesquisas. Nada impede que a teoria central de uma investigação, sendo de cunho piagetiano, por exemplo, possa utilizar, além do estruturalismo, elementos da metodologia dialética. Cada caso deve observar suas peculiaridades e exigências.

Algumas vezes negligenciados, outras vezes respeitados com ênfase por pesquisadores que lhes conferem um lugar especial na prática investigativa, os apoios teóricos e metodológicos normalmente são lembrados como "meios" que suscitem dificuldades e vantagens para a produção do conhecimento. Sob o ponto de vista teórico, mais facilmente encontra-se consenso quanto à importância de tais meios. Poucos colocam dúvidas quanto à necessidade e conveniência deles⁴.

No entanto, há aqueles que sabem que o conhecimento científico requer uma fundamentação teórica e metodológica séria para ser levado em frente, mas por ingenuidade, preguiça ou oportunismo não aprofundam seus conhecimentos através da leitura e compreensão dos grandes teóricos dos diferentes domínios do saber e, também, não se dão ao trabalho de confrontar estes conhecimentos com o objeto de suas pesquisas, através da análise cuidadosa. Essa é a situação daqueles preocupados com uma intensa produtividade, que redonda em mais e mais artigos e papers, sem se importar com a qualidade. Apresentam-se, deste modo, como pesquisadores superficiais, pois suas investigações carecem de uma boa base teórica e metodológica, abrindo espaço para toda sorte de críticas. As informações resultantes dessas pesquisas, geralmente circunstanciais, não alcançam aquele grau de universalidade e objetividade que faz o conhecimento avançar significativamente, mesmo que seja para, como pensa Popper, num momento seguinte poder ser falseado e receber nova orientação⁵.

Por outra parte, há aqueles que, além de saber que os apoios teóricos e metodológicos são importantes, preocupam-se com o esclarecimento criterioso e aprofundado desses meios e os colocam em prática na ação investigativa. Estes com mais

⁴ Veja-se, por exemplo, uma argumentação crítica dirigida contra o método: Feyerabend, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

⁵ Popper, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. S. Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

facilidade apresentam um resultado consistente e alcançam reconhecimento na comunidade científica a que pertencem. Se o objeto de estudo é bem investigado, a coleta dos dados, sua codificação e análise feitas a partir de recursos teóricos e metodológicos conhecidos e reconhecidos, os resultados provenientes dessa boa investigação normalmente apresentam avanços significativos. Pesquisas bibliográficas, documentais ou ligadas às ciências formais, se bem alicerçadas, também apresentam a mesma consistência. As dificuldades, por certo, persistem. Os que valorizam um aprofundamento criterioso desses meios podem encontrar grandes desafios.

Se numa determinada área do saber, por exemplo, nas ciências da saúde, o objeto de estudo fosse "o impacto da poluição atmosférica junto aos vendedores ambulantes do centro de uma grande cidade", mesmo que fossem conhecidas as principais teorias concernentes ao tema e conhecidos os procedimentos metodológicos para constatar esse problema, mesmo assim as dificuldades poderiam surgir no âmbito: a) da adequada utilização ou não desses referências para o esclarecimento do objeto da investigação; b) da constatação de haver uma acentuada diferença entre os dados coletados e tabulados e o que explicam as teorias; c) da possibilidade de haver uma acentuada discrepância entre as teorias e os *insights* explicativos elaborados pelo pesquisador; d) e assim por diante.

Estas dificuldades, porém, sendo trabalhadas, podem apresentar bons avanços para o conhecimento.

Além disso, durante um processo investigativo, pode-se descobrir que as teorias e os métodos utilizados estão ultrapassados, pois auxiliam somente de forma parcial na compreensão do tema estudado. Quando uma série de eventos não é mais contemplada por eles, pode significar que é hora de criticar e corrigir tais apoios, ou, quem sabe, abandoná-los, inaugurando uma nova teoria e uma nova metodologia, mais abrangentes, completas e críticas.

As vantagens que são proporcionadas pela utilização cuidadosa dos apoios teóricos e metodológicos são muitas. A começar pela formulação do problema ou das questões que se deseja esclarecer ao longo da pesquisa. Quando a teoria e a metodologia são conhecidas pelo pesquisador, maiores são as chances de se delimitar com precisão o tema da pesquisa e, conseqüentemente, o problema ou as questões principais da investigação. Neste caso, evita-se a formulação de problemas já solucionados por outros em circunstâncias semelhantes - pois, ao conhecer a teoria, pode-se perceber com mais facilidade os problemas para os quais ela já apresentou soluções, não sendo mais necessário enveredar pelo mesmo caminho. Assim, aumenta a probabilidade de se avançar nos conhecimentos.

Do mesmo modo, o conhecimento das teorias tem uma implicância direta na formulação da(s) hipótese(s) de trabalho. A eficácia da investigação aumenta em decorrência da eliminação de hipóteses que já se demonstraram falsas para a solução de problemas. Isso faz trilhar ou inventar caminhos novos para contribuir na solução de uma questão, possibilitando ir além do já-examinado.

Outra grande contribuição das teorias e metodologias se situa no campo da análise. Pesquisas que, por exemplo, tenham feito coleta de dados, e estes tendo sido codificados

ou trabalhados por meio de inferências estatísticas, conseguem tornar a análise mais consistente se houver um confronto com a(s) teoria(s) existente(s). É possível mostrar em que aspectos os resultados corroboram elementos da teoria, em que sentido há divergências (maiores ou menores) e quais os aspectos que diferem totalmente da teoria. Neste último caso, a teoria de base é criticada, são apontadas suas falhas ou lacunas, seja por incoerência interna ou em relação aos fatos.

É importante dar-se conta de que o uso da teoria e da metodologia numa pesquisa deve ser feito com *criticidade*. Uma teoria ou um método podem ser bons para estudar ou captar certos aspectos da realidade, mas, ao conseguir isso, deixam outros de lado. Teorias e métodos são como redes, diz Rubem Alves: se os fios são trançados de forma larga, deixam escapar os peixes pequenos. Ademais, uma rede vale não só pelo que pega, mas também pelo que deixa passar⁶.

Além disso, teorias e métodos podem apresentar maior ou menor teor ideológico e, assim, estar a serviço de determinados interesses sociais e políticos. É o que se percebe, por exemplo, em certas teorias de fundo liberal ou neoliberal e marxista. Mas traços ideológicos podem estar presentes em qualquer teoria ou metodologia, de modo particular naquelas que se proclamam neutras e que aparentemente foram construídas por uma *freischwebende Intelligenz*⁷.

Outras teorias podem apresentar problemas, que chamaremos de problemas de princípio. Se aceitarmos as considerações de Popper, apresentam esses problemas a teoria materialista histórica de Marx e a teoria psicanalítica de Freud, uma vez que elas sempre teriam explicações *ad hoc* para todos os fatos que a teoria procura abranger⁸. Conforme Popper, a deficiência dessas teorias estaria na não-aceitação, por princípio, da possibilidade de falseamento através dos fatos.

Michel Thiollent alerta para o uso acríptico das metodologias e das técnicas de pesquisa⁹. Questionários e entrevistas podem ser direcionados, a fim de receberem respostas induzidas de forma proposital. Podem "impor a problemática". Podem utilizar ideologicamente os resultados. Podem usar uma linguagem que não leva em conta o nível da linguagem do entrevistado ou do respondente de um questionário, provocando "desníveis" ou incompreensões de significado. Enfim, métodos e técnicas precisam ser usados com precaução.

O mesmo cuidado deve se ter com relação à dialética, ao viés qualitativo em pesquisas e à chamada pesquisa participante. Estas propostas metodológicas sofreram uma série de críticas,

⁶ Alves, Rubem. *Filosofia da ciência - introdução ao jogo e suas regras*. S. Paulo: Brasiliense, 1983, 4ª ed. Cf. cap. 6, p. 92-107.

⁷ Lowy, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 17. A expressão *freischwebende Intelligenz* significa uma inteligência sem vínculos, que paira acima das classes e dos interesses de classe, encontrável principalmente, segundo o autor, nas instituições de ensino superior.

⁸ Popper, Karl. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Edit. Universidade de Brasília, s/d. Cf. texto intitulado "Ciência: conjecturas e refutações", p. 63-94.

⁹ Thiollent, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. S. Paulo: Polis, 1987.

principalmente devido a sua falta de capacidade de poder explicar o real de forma científica. Com isto não se quer dizer que elas não podem ser utilizadas nos processos pesquisantes. Elas, talvez, serviriam antes para descrever uma dada realidade do que para explicá-la¹⁰.

Uma pesquisa, portanto, precisa ser conduzida com consciência crítica. O pesquisador deve saber qual o alcance do corpo teórico e dos procedimentos metodológicos que usa para tentar compreender o objeto de seu estudo. Isso significa saber a força de determinada teoria ou de determinado método ou técnica, mas também suas possíveis fraquezas ou deficiências.

4 AS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

O que é uma *dissertação* de mestrado? Normalmente, a resposta a essa pergunta é dada fazendo-se o confronto com a tese de doutorado¹¹. Enquanto na segunda o rigor analítico somente seria alcançado com uma definição clara dos apoios teóricos/metodológicos e a sua utilização/questionamento teria que ter em vista a apresentação de uma "novidade" na forma de abordar algo ou na "invenção/colocação" de uma hipótese nova de tratamento para a solução de um problema, na primeira - na dissertação - o autor se disporia a dissertar sobre algo. Não se exigiria na forma dissertativa, portanto, nem uma originalidade maior na escolha dos meios (apoios teóricos/metodológicos) e nem nos resultados obtidos.

Mesmo que o objetivo maior de um trabalho final de mestrado fosse tão-somente a exposição sobre algo, isso não pode levar a entender que a dissertação deva estar desprovida de apoios teórico-metodológicos. Seria possível pensar sobre o real sem colocar esse pensamento no interior de uma teoria? O próprio fato de escolher algo para ser pensado já indica que essa escolha se deu devido a uma teoria. Os fatos são percebidos como tais através das teorias.

Além disso, alguém disposto a dissertar sobre algo precisa organizar os passos do processo de compreensão, a fim de conduzi-lo com o máximo de clareza possível. Para isso, algum procedimento metodológico é necessário. Coletar fatos indiscriminadamente não leva a esclarecer o real ou uma feição do mesmo.

Pode até a dissertação de mestrado não ter como tarefa trazer novidades e sim apenas confirmação de conhecimentos já construídos. Não pode, porém, fugir da responsabilidade científica de apoiar-se em alguma teoria ou metodologia, seja qual for.

¹⁰ Ver, entre outros, Haguette, André et al. *Dialética hoje*. Petrópolis: Vozes, 1990; Haguette, Teresa M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987; Popper, Karl. *Conjecturas e refutações*. Op. cit. Cf. texto "Que é a dialética?", p. 343-365.

¹¹ Ver, por exemplo, Severino, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. Rio de Janeiro: Cortez, 1986.

5 AS DISSERTAÇÕES ANALISADAS

Caracterizadas as intenções do presente artigo, descritos os eixos pedagógicos gerais que orientam o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC e suas áreas de concentração, enfatizada a necessidade da teoria e da metodologia no esclarecimento de qualquer objeto de estudo que queira contribuir para a compreensão científica da realidade, incluindo nisso as dissertações de mestrado, passa-se agora a refletir sobre os resultados mais significativos que a pesquisa trouxe.

5.1 As regiões investigadas

A análise das 38 dissertações mostra que a maioria dos alunos mestrandos escolheu estudar um tema/problema concreto relacionado com algum município do Rio Grande do Sul. Há, também, dissertações que estudam regiões mais amplas, abrangedoras de vários municípios, e outras que não têm como referência nenhum município ou região em particular, podendo estas últimas ser inseridas no campo dos estudos formais. Das dissertações, uma toma o Estado do Rio Grande do Sul para estudo. No quadro abaixo, elenca-se essas incidências.

QUADRO 1 - As regiões investigadas nas dissertações

Município de Santa Cruz do Sul	20
Município de Vale do Sol	1
Município de Lajeado	1
Município de Santa Maria	1
Municípios de Santiago e Jaguari	1
Vale do Rio Pardo	3
Bacia do Rio Uruguai	1
Região do Alto Uruguai	1
"Metade Sul" do RS	1
Rio Grande do Sul	1
Nenhuma região específica	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se pode perceber, há uma forte incidência de estudos sobre o município de Santa Cruz do Sul (20 dissertações). Para os outros municípios - Vale do Sol, Lajeado, Santa Maria, Santiago/Jaguari - houve apenas uma dissertação para cada um deles¹². Temos, pois, um total de seis municípios contemplados. Regiões mais amplas, estudadas em algum de seus aspectos, foram três: Vale do Rio Pardo, Bacia do Rio Uruguai e Região do Alto Uruguai.

¹² Santiago e Jaguari foram abordados numa mesma dissertação.

Se aceitarmos que a "Metade Sul" do Rio Grande do Sul seja uma região do Estado e que o próprio Estado do RS seja uma região do Brasil, então teremos mais duas regiões amplas estudadas. Para cada uma destas também houve uma dissertação feita.

Sete dissertações, por sua vez, se preocuparam em analisar algum tema/problema desvinculado de uma região ou município particulares. São aquelas que desenvolveram o que acima chamamos de estudos formais ou teóricos.

Que tipo de reflexão se poderia fazer a partir desses dados? Que o curso de mestrado do Programa de Desenvolvimento Regional da UNISC incentiva mais o estudo do município de Santa Cruz do Sul? Certamente, não. É possível interpretar a maior incidência de Santa Cruz do Sul nas dissertações por haver maior número de alunos desse município cursando o Programa. Nesse caso, diríamos que a preferência é até positiva, pois permite aprofundar mais a compreensão dessa "região", enriquecê-la através de abordagens pontuais, de resgates históricos e culturais, de problematizações e questionamentos, de desmistificações etc.

Por outro lado, sempre é possível perguntar se o modo como o conceito de região é trabalhado academicamente não influi na escolha das regiões por parte dos mestrandos, no momento da tarefa dissertativa. A pergunta que se poderia fazer seria a seguinte: um município, isolado de um contexto maior - regional, propriamente dito - pode ser considerado uma região? Isolar um município e estudá-lo não seria torná-lo uma realidade local absoluta, em lugar de vê-lo de forma relativa?

Entretanto, se algum aspecto do município for estudado levando em conta o "todo local", é até aceitável que um mestrado voltado ao desenvolvimento regional incentive abordagens dedicadas a compreender melhor a realidade municipal. Contanto que isso não desemboque numa espécie de "narcisismo" do Programa, do tipo: só (ou quase só) tenho olhos para Santa Cruz do Sul.

Pensamos que o Programa poderia abrir o leque de investigações para outros municípios do Vale do Rio Pardo¹³, para citar só uma região. Além de ser proveitoso para uma compreensão melhor dessa região, levaria os alunos do Programa - mesmo que residissem no município de Santa Cruz do Sul - a enfrentarem realidades desconhecidas. Afinal, o desconhecido não deveria ser o móvel de qualquer pesquisa? É claro que o desconhecido pode existir no município de Santa Cruz do Sul e neste caso ele merece ser investigado. O que estamos querendo dizer é que o Programa ganharia ao incentivar a diversidade de estudos, a fim de regionalizar mais o conceito de região, dimensionando-o em maior amplitude e enriquecendo-o com mais relações.

¹³ Conforme a distribuição dos municípios feita para a constituição dos COREDEs no Rio Grande do Sul, em 1998, o Vale do Rio Pardo contém os seguintes municípios: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Gramado Xavier, Herveiras, Ibirama, Lagoão, Pantano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.

5.2 Temas e problemas abordados pelas dissertações

a) Temas

Tema será aqui considerado simplesmente como um assunto de cunho mais amplo e que, por isso mesmo, admite desdobramentos internos que entre si mantêm algum tipo de relação mais próxima. O tema não deixa de ser um feixe de significações a mostrar um certo "ar de família". O tema saúde, por exemplo, e para ficar no universo das dissertações analisadas, pode se desdobrar em saúde pública, Conselhos Municipais de Saúde, SUS, alguma doença em particular etc.

As dissertações analisadas apresentam uma variedade de temas. No quadro seguir relacionamos esses temas e suas incidências.

QUADRO 2 - Temas das dissertações

Saúde	6
Escola	6
Micro e pequena empresa	3
Contabilidade	3
Solo urbano	3
Esporte	2
Agricultura	2
Meio ambiente	2
Desenvolvimento sustentável	2
Integração social	2
Turismo	2
Lazer	2
Trabalho	1
Matemática	1
Educação científica e pesquisa	1
Assistência judiciária	1
Drogas	1
Movimentos eclesiais	1
Reflorestamento	1
Deficiência física	1
Sistema penitenciário	1
Mercado	1
Identidade regional	1
Cultura	1
"Metade Sul" do RS	1
Espacialidade e representatividade regional	1
Qualidade total	1
Tributação	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nem sempre foi fácil agrupar algumas dissertações sob um tema. Em casos nos quais a dissertação poderia perder a sua especificidade própria e sua riqueza, a solução encontrada foi tomá-la como sendo um tema, mesmo que apresentando possibilidades de ser aproximado a outro por razões de familiaridade.

O número total de temas, que chega a 28 - menor, pois, que o total das dissertações analisadas, que é de 38 - deve-se a que várias delas tratam de aspectos de um mesmo tema. É o caso do tema saúde, antes exemplificado. Assim, duas ou mais dissertações foram agrupadas sob um mesmo tema.

Pela relação acima pode-se perceber que os temas da saúde e da escola - ambos com seis incidências - receberam uma investigação significativa, se comparados individualmente com outros. Em segundo lugar, estão os temas da micro e pequena empresa, da contabilidade e do solo urbano. Em terceiro lugar, os temas esporte, agricultura, meio ambiente, desenvolvimento sustentável, integração social, turismo e lazer. Os demais receberam apenas um incidência cada.

Que conclusões podem ser extraídas deste quadro? Antes de outra coisa, a liberdade que o mestrando parece ter no interior do Programa para escolher suas preferências temáticas. Tudo indica que o Programa não está, neste ponto, direcionando os alunos. O quadro também permite concluir que as dissertações estão enfocando a realidade, seja ela local ou mais ampla, em sua diversidade. Com isso, as diferenças são ressaltadas e se pode alcançar uma compreensão mais clara da complexidade das relações que haveriam de constituir uma identidade regional. Essa identidade, de fato, se faz pela diferenciação.

Caberia ao Programa reunir as contribuições dispersas nas dissertações e, por sua vez, apresentar "unidades provisórias" construídas a partir dos estudos temáticos e sub-temáticos produzidos pelos alunos?

b) Problemas

Uma situação problemática é aquela que pede pelo restabelecimento das relações significantes. Quando um estudo qualquer - por exemplo, uma dissertação - coloca um problema como deflagrador de sua reflexão, espera-se que ele, ao se desdobrar, esclareça certas relações significantes para a compreensão de um determinado todo.

Nem sempre as dissertações analisadas foram impulsionadas por algum problema. A maioria, entretanto, sim. Estas últimas, motivadas por problemas, apresentaram melhor desempenho. Esse melhor desempenho mostrou-se, basicamente, pela busca das relações significantes no interior de um tema. Houve casos, é claro, em que, apesar das intenções, essas relações não foram suficientemente explicitadas, exploradas ou compreendidas, o que demandaria em novas tentativas por parte dos autores.

Se fosse tomado como critério para aprovação das dissertações o esforço de compreensão das relações significantes, seriam talvez aprovadas - incluindo as com ressalvas - 23 dentre as 38, número que envolve 60,5% de aprovações.

5.3 Opções teóricas e metodológicas utilizadas

a) Opções teóricas

Em certos casos, como naqueles em que a dissertação procede a uma revisão bibliográfica para esclarecimento de conceitos básicos, torna-se quase sempre difícil relacionar o desempenho dissertativo com uma base teórica clara e conscientemente adotada. O que mais acontece, nesses casos, é a dissertação apresentar influências ou direcionamentos teóricos não percebidos pelo próprio autor. É nessa situação que se encontra a metade das dissertações analisadas. O quadro abaixo mostra as influências que foram levantadas na análise e suas incidências.

QUADRO 3 - Influências teóricas nas dissertações

Influências teóricas difusas ¹⁴	11
Influências teóricas marxistas ou semi-marxistas	8

Fonte: Dados da pesquisa.

A outra metade - composta pelas dissertações que anunciam explicitamente a base teórica e que investem esforços para usá-las coerentemente ao longo do trabalho dissertativo e ainda por aquelas que, mesmo não tendo feito o anúncio de forma explícita, conseguem manter-se nos eixos de uma base teórica - mostra a seguinte situação, conforme o quadro abaixo.

QUADRO 4 - Bases teóricas nas dissertações

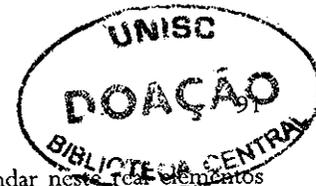
Base teórica jurídica	6
Base teórica das ciências administrativas	5
Base teórica das ciências econômicas	2
Base teórica construtivista-piagetiana	2
Base teórica das ciências contábeis	2
Base teórica das ciências matemáticas	1
Base teórica antropológica-cultural	1

Fonte: Dados da pesquisa.

b) Métodos e técnicas de pesquisa

Os métodos indicam caminhos para alcançar a compreensão de algo e sempre vêm carregados de pressupostos teóricos, tanto que às vezes a teoria pode ser confundida com o método. Assim se dá com a dialética, que pretende ser uma determinada concepção

¹⁴ Difusas, no sentido dado no texto. Isto é, sem que o autor tome consciência da teoria que o orienta.



sobre o real, e o método dialético, que se propõe desvendar neste real elementos confirmadores daquela concepção.

As técnicas, por sua vez, são procedimentos concretos a serviço do método e, conseqüentemente, da teoria.

É possível dizer que a teoria tem a ver com o porquê, o método com o quê e as técnicas com o como. A teoria procura fornecer um corpo explicativo coerente sobre o real ou de alguma feição deste, o método organiza a apreensão desse real de tal modo que se integre na coerência explicativa da teoria e as técnicas são ferramentas usadas para que aquela apreensão aconteça.

As opções metodológicas utilizadas nas dissertações e suas incidências estão no quadro a seguir.

QUADRO 5 - Opções metodológicas das dissertações

Método qualitativo/participante	8
Método descritivo	2
Método histórico	2
Método histórico-estrutural	1
Método hipotético-dedutivo	1
Método analítico-descritivo	1
Método comparativo-descritivo	1
Método fenomenológico-hermenêutico	1

Fonte: Dados da pesquisa.

As técnicas usadas e suas incidências estão no seguinte quadro.

QUADRO 6 - Técnicas usadas nas dissertações

Questionário/entrevista	26
Estudo de caso	18
Pesquisa bibliográfica e documental	11
Técnicas quantitativas-estatísticas	8
História de vida/história oral	2
Observação participante	1
Avaliação antropométrica	1
Pesquisa de mercado	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos métodos listados é preciso dizer que nem sempre os autores souberam bem defini-los, como também nem sempre usá-los coerentemente ao longo de todo o

trabalho dissertativo.

O dado mais significativo, entretanto, é que mais da metade das dissertações - 21 - não apresentou preocupações com o método. A maior parte destas, inclusive, tomou a revisão bibliográfica como se fosse um método, quando, de fato, ela serve basicamente para a fundamentação teórica do trabalho dissertativo.

Pelo quadro das técnicas pode-se perceber a grande valorização dada à aplicação de questionários, às entrevistas, aos estudos de casos e à pesquisa bibliográfica e documental¹⁵.

O número de técnicas extrapola o número de dissertações porque a maioria delas usa mais de uma técnica no processo pesquisante. Por exemplo: estudo de caso + questionário + técnicas quantitativas-estatísticas.

5.4 Análise da utilização dos apoios teóricos e metodológicos

É preciso desde logo esclarecer que a reflexão sobre a utilização dos apoios teóricos e metodológicos nas dissertações estudadas, feita a partir de agora, não esgota o assunto. Pode esta reflexão, outrossim, apresentar conclusões e análises parciais e até mesmo equivocadas. Isso ocorre por vários motivos. O principal deles, sem dúvida, reside na impossível neutralidade do pesquisador frente ao seu objeto de estudo.

a) A utilização dos apoios teóricos

De um modo geral, as dissertações apresentam um *precário nível de criticidade*. Essa precariedade se manifesta de vários modos.

Às vezes, por assimilação ingênua das bases teóricas que sustentam o trabalho dissertativo. Dir-se-ia até que, nestes casos, o autor estaria agindo de boa-fé, acreditando que a teoria, uma vez posta à disposição, é confiável, não merecendo mais reparos. O conhecimento científico da realidade, entretanto, mesmo que necessite de alguma teoria para poder ser constituído, não pode depender apenas de atos de confiabilidade. A cientificidade exige que a própria confiabilidade seja posta sob exame crítico.

Outras vezes, a precariedade crítica se manifesta por uma aceitação pacífica do modelo econômico e político em vigor no Brasil e na maioria das nações. Esse modelo quase nunca é colocado em discussão, o que repercute nos modos como a teoria é manipulada (e, também, os métodos e as técnicas).

A ausência de discussão crítica, tanto no que toca à teoria, quanto ao modelo econômico-político, confere um *perfil predominantemente não-crítico* ao Programa de Mestrado. Essa postura não-crítica reflete a visão de desenvolvimento que o Programa procura administrar academicamente?

¹⁵ Pesquisa bibliográfica e documental não é a mesma coisa que revisão bibliográfica. A primeira é tomada nesta análise como uma técnica e geralmente está vinculada com o método histórico.

Essa conclusão, todavia, deve ser tomada com reservas. Um curso de mestrado não pode ser analisado somente a partir dos trabalhos dissertativos feitos pelos alunos. Há muitos elementos em jogo num curso desse tipo, tais como aulas, seminários, painéis, produção intelectual, professores, leituras, pesquisas, trabalhos conclusivos de disciplinas etc. Levando isso em conta, a conclusão acima referida deve ser aceita antes como um *indicativo*, mesmo porque se baseou em uma análise de 38 dissertações, quando hoje (janeiro de 2002) já existem 110 dissertações defendidas.

Outro ponto que chama a atenção é a forte tendência existente nas dissertações de *desvincular a parte do todo*. Isso ocorre principalmente quando a dissertação desenvolve um estudo de caso. O caso, muitas vezes, é estudado como se ele não existisse dentro de um município ou de uma cidade; ou dentro de uma região, de um estado ou de um país. Como se não fosse um caso de alguma coisa, um sintoma de algo. Com isso, perde-se a visão do todo e o caso fica solto no ar sem a possibilidade de ser compreendido numa rede mais ampla de relações significantes.

O mais preocupante dessa desvinculação talvez seja o fato de o trabalho dissertativo não conseguir explicar o caso no interior da dinâmica do sistema econômico-político em vigor. Essa desvinculação não parece ser só prática - talvez uma alienação - mas perturbadoramente teórica. Isto é, o caso estudado parece não precisar de ser explicado no conjunto da teoria econômica-política, seja esta favorável ao sistema ou crítica dele.

Esse tipo de situação se relaciona muito proximamente com aquilo que foi denominado mais atrás de *influência difusa* da base teórica presente em algumas dissertações. Suponhamos que uma dissertação qualquer estude um caso e que este não receba uma explicação conscientemente dada no conjunto de uma teoria. Mesmo assim é possível perceber traços da teoria subjacente. De um modo geral, esses traços subjacentes se referem a uma teorização favorável ao sistema e tudo leva a crer que o autor não se dá conta desta influência. Essa não-percepção pode ser indicativa de um desconhecimento teórico existente no autor. Será que o Programa deixou de dar esse conhecimento ou ele vem de mais longe, dos cursos de graduação?

Evidentemente, um bom número de dissertações consegue fazer articulações teóricas com relativa clareza. Estes trabalhos dissertativos geralmente têm como base teorias críticas (ou semi-críticas) do sistema econômico-político em vigor e procuram discernir relações significantes. Há, também, dissertações com base teórica favorável ao sistema que alcançam parecido nível articulatório e relacional. O que significa que uma teoria, levada a sério, independentemente de sua posição em relação ao sistema, pode chegar a produzir resultados de relativa explicação do real, mesmo que inflexionados por razões que têm sua origem na estrutura classista da sociedade.

b) A utilização dos métodos e das técnicas

O principal problema existente nas dissertações com relação ao método parece ser a incompreensão e mesmo o desconhecimento do que seja o método e qual seu papel na pesquisa.

Quando, nos trabalhos dissertativos, o método é apresentado, nem sempre esta

apresentação é feita com a necessária nitidez e nem sempre seu uso mantém a coerência com os pressupostos teóricos que o alimentam. É de concluir que o Programa não oferece suficientes conhecimentos a respeito dos métodos, de seus pressupostos teóricos e suas possibilidades de aproximação e captação do real?

A ausência de preocupações explícitas com o método em 21 dissertações - de um total de 38 - é um dado significativo. Quer isso dizer que estas dissertações foram construídas sem a necessidade de algum método? Não, o método aparece implicitamente e pode ser desvelado pelas técnicas usadas. As técnicas, como antes foi dito, estão a serviço de algum método e, sem sua orientação, elas não sabriam o que investigar e quais elementos do real buscar para serem inseridos no esforço de explicação desse real.

De um modo geral, as dissertações que se incluem neste grupo seguem uma orientação metodológica positivista, com tendência a transformar o objeto de estudo em coisa ou semi-coisa.

Se as 21 dissertações de que se falou acima não se preocupam mais de perto com o método, por outro lado cuidam das técnicas. Destas, as que mais ocorrem são o questionário, a entrevista, o estudo de caso, a pesquisa bibliográfica e documental e as técnicas quantitativas-estatísticas.

Não foi feita uma análise da estrutura interna dos questionários (ou das entrevistas), se neles haveria intencionalidades direcionantes, se a linguagem adotada nas perguntas poderia provocar desníveis de significação no respondente, que tipo de perguntas foram feitas etc. Também não foi feita análise das formas como as pesquisas bibliográficas e documentais foram conduzidas, nem da otimidade quantitativa e estatística.

Apenas o estudo de caso foi analisado. Esta técnica, como já foi visto no item que tratou da utilização dos apoios teóricos, apresenta problemas de desvinculação parte-todo. O caso é isolado de um contexto maior (essa postura pode ser vista como positivista), com isso não permitindo extrair certas relações significantes que seriam da maior importância na discussão do trabalho dissertativo. Assim, os resultados finais ficam, sem dúvida, prejudicados.

Como foi visto mais atrás, no quadro que mostrou as ocorrências dos métodos nas dissertações, oito delas escolheram o método qualitativo/participante para servir como apoio metodológico. Em quase todas essas dissertações o qualitativo ou o participante carecem de uma utilização crítica. Isto é, se hoje em dia as abordagens qualitativas/participantes estão sendo aceitas como possibilidades metodológicas¹⁶, nem por isso elas não deixam de apresentar limitações, de modo especial no que toca a dois problemas: a dificuldade intrínseca de generalizar os resultados e o constante risco de a observação

¹⁶ Veja-se, entre outros, Brandão, Carlos R. (org.). *Pesquisa participante*. S. Paulo: Brasiliense, 1984; Idem. *Repensando a pesquisa participante*. S. Paulo: Brasiliense, 1984; Haguette, Teresa Maria F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987; Triviños, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. S. Paulo: Atlas, 1987.

perder o grau de objetividade desejável em qualquer investigação sobre o real. Por isso, o qualitativo e o participante devem ser usados com equilíbrio metodológico e deles não se pode esperar mais do que eles podem dar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Foi dito em lugar anterior que a reflexão desenvolvida neste artigo não esgota o assunto e mesmo que pode ter sido parcial em alguns momentos e até equivocada em certas afirmações.

Freqüentemente, a base teórica que serve ao pesquisador de apoio para tentar compreender algum fato ou conjunto de fatos faz com que force explicações, levando a interpretar os dados de tal modo que eles antes se ajustem à teoria do que a contestem. Nenhum pesquisador se livra da possibilidade de enfrentar seu objeto de estudo através de idéias preconcebidas acerca dele. Isso, naturalmente, perturba a pesquisa e pode desvirtuar seus resultados.

Mas de um modo principal, como também foi mencionado, o pesquisador não é neutro perante o objeto de estudo. Qualquer leitura dos resultados de uma pesquisa precisa levar em conta interferências várias sobre o processo pesquisante, sejam as provenientes da formação intelectual do pesquisador, sejam aquelas oriundas dos interesses econômicos e políticos que ele defende.

Além disso, a presente pesquisa somente analisou 38 dissertações, quando o curso de mestrado enfocado tem, hoje (janeiro de 2002), 110 defesas feitas. Já por esse motivo, os resultados discutidos referem-se apenas a um quadro parcial e, logo, qualquer apreciação a respeito dos mesmos também deverá ser tomada de modo provisório.

Levando isso em conta, e finalizando a reflexão, serão apresentadas a seguir algumas conclusões e sugestões. As conclusões procuram refletir o que foi exposto até agora, enquanto as sugestões são dirigidas ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC, com o intuito de contribuir para sua avaliação.

a) Conclusões

A retomada da análise, por certo, permite as seguintes conclusões:

- Há uma forte tendência entre os alunos mestrando a produzir trabalhos dissertativos sobre Santa Cruz do Sul, município ou cidade (52,6%).
- O Vale do Rio Pardo recebeu poucos estudos (7,8%).
- Outras regiões do Rio Grande do Sul¹⁷ não receberam quase nenhuma atenção.

¹⁷ Toma-se, aqui, o termo região conforme a divisão feita para a constituição dos COREDEs (1998).

- O Programa permite liberdade aos mestrados na escolha dos temas para suas dissertações e dos problemas a serem pensados. Isso pode ser visto como uma tendência à pluralidade.
- A metade dos trabalhos dissertativos (19) conseguiu manter-se no interior de uma base teórica. Neste grupo, uns trabalhos anunciaram a base teórica, outros não. Neste último sub-grupo, o trabalho soube permanecer na base teórica, apesar do não-anúncio.
- Na outra metade das dissertações, a constituição do processo dissertativo se apresenta: ou suportando influências teóricas difusas¹⁸, não admitidas de modo consciente; ou mostrando influências teóricas da tradição marxista, mas também sem disso dar-se conta.
- Nem sempre os autores das dissertações souberam definir com clareza os métodos adotados. Parece haver um significativo desconhecimento do que seja método e de seu papel na pesquisa.
- Nem sempre os métodos foram usados coerentemente ao longo do processo dissertativo.
- Mais da metade das dissertações (21) não mostrou preocupação com o método (55,2%).
- Neste grupo, inclusive, a maior parte tomou a revisão bibliográfica como se fosse um método, quando, na verdade, ela está a serviço da fundamentação teórica do trabalho dissertativo.
- As possibilidades metodológicas qualitativas ou participantes não foram utilizadas de modo crítico.
- Há maior adoção das seguintes técnicas de pesquisa: questionário, entrevista, estudo de caso e pesquisa bibliográfica e documental¹⁹.
- O estudo de caso apresenta problemas de desvinculação com o todo. Por isso, a análise deixa de apreender relações significantes.
- As dissertações, de um modo geral e como tendência predominante, apresentam um precário nível de criticidade. Isso se manifesta: ou por uma assimilação ingênua das bases teóricas, dos apoios metodológicos e das técnicas de pesquisa; ou pela não-discussão ou discussão insuficiente do modelo econômico-político em vigor.
- Tomando-se apenas as dissertações analisadas como referência e, destas, a precariedade nas posturas críticas, ao Programa pode se atribuir um perfil tendencialmente não-crítico.

¹⁸ Ver o significado dessa expressão no texto, item 5.3 a).

¹⁹ Quanto a esta última técnica, ver itens 5 b) e 5.4 b), e nota 15

b) Sugestões

A seguir serão apresentadas algumas sugestões, que eventualmente poderão contribuir para processos avaliativos do Programa e, se for o caso, para redimensionamentos na ação pedagógica do mesmo.

- Incentivar trabalhos dissertativos sobre outros municípios do Vale do Rio Pardo além do município de Santa Cruz do Sul, como também sobre outras regiões do Rio Grande do Sul.
- Insistir no conhecimento aprofundado das bases teóricas usadas nas dissertações, tanto de seu poder explicativo quanto de suas debilidades.
- Aperfeiçoar o conhecimento dos métodos e das técnicas de pesquisa. De modo especial, explicitar seus alcances e suas limitações.
- Aumentar o nível de criticidade nas dissertações.

A pesquisa, sobre a qual se refletiu neste artigo, terá prosseguimento numa segunda fase. Nesta, serão analisadas mais 20 dissertações (referentes às defesas acontecidas no ano de 2000; a primeira fase abrangeu aquelas defendidas entre 1996 e 1999). Esse segundo momento pesquisante trará elementos para que se possa fazer uma comparação com o primeiro momento, a fim de verificar se houve modificação nas tendências apontadas ou se estas continuam sendo as mesmas ou semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO/HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ALTHUSSER, Louis. *A favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ALTHUSSER, L., RANCIÈRE, J. e MACHEREY, P. *Ler o Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979-1980.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. S. Paulo: Ática, 1991.
- ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- BAQUERO, Marcello, GONÇALVES, Maria Augusta S. & BAQUERO, Rute V. A. Reflexões Sobre Pesquisa nas Ciências Humanas. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.2, março. 1995, p. 17 - 32.

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos. *As fronteiras da epistemologia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BONOMI, Andrea. *Fenomenologia e estruturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOTOMÉ, Sílvio P. *Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes/Univ. Fed. de S. Carlos/Univ. de Caxias do Sul, 1996.
- BOURDIEU, P. "A opinião pública não existe". In: THIOLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. S. Paulo: Polis, 1987, p. 137-151.
- BRANDÃO, Carlos R. (org.). *Pesquisa participante*. S. Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *Repensando a pesquisa participante*. S. Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARVALHO, Maria Cecília de (org.). *Paradigmas filosóficos da atualidade*. Campinas: Papirus, 1989.
- _____. *Construindo o Saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas*. Campinas: Papirus, 1991.
- _____. "Karl Popper: a falsificabilidade como critério de demarcação do discurso empírico-científico". In: OLIVA, A. (org.). *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Op. cit., p. 59-101.
- CERVO, A./BERVIAN, P. *Metodologia científica*. S. Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHASSOT, Attico. *A ciência através dos tempos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. "Filosofia moderna". In: CHAUÍ, M. et alii. *Primeira filosofia*. SP, Brasiliense, 1984, p. 60-102.
- CUNHA, L. A. *Os (des)caminhos da pesquisa na Pós-Graduação em educação*. Mimeo, 1978.
- DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* S. Paulo: Centauro Edit., s/d.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.
- _____. *Pesquisa - princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo. (Vol. I e II)*. S. Paulo: Ensaio/Unicamp, 1993 e 1994.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método científico*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- EPSTEIN, Isaac. "Thomas S. Kuhn: a cientificidade entendida como vigência de um paradigma". In: OLIVA, A. (org.). *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Op. cit., p. 103-129.

- FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 174 p.
- FERRARI, Alfonso T. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Rio de Janeiro: Mc-Graw Hill, 1982. 138 p.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método - esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FOULQUIÉ, Paul. *A Dialética*. Lisboa: Coleção Saber, 1974.
- FRAGATA, Julio. *A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia*. Braga: Livr. Cruz, 1959.
- GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1986.
- GILLES, Thomas R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. S. Paulo: Epu/Edusp, 1975.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HAGUETTE, André et alii. *Dialética hoje*. Petrópolis: Vozes, 1990, cap. 1, 2 e 5.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987. 163 p.
- HÜHNE, Leda Miranda (Org.). *Metodologia científica: cadernos de Textos e Técnicas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- JAPIASSU, Hilton. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- KERLIENGER, F. N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais - um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.
- KIDDER, Louise H. (org.) *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. São Paulo: EPU, 1987.
- KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Caxias do Sul: EUCS/EST/Vozes, 1985.
- KOYRÉ, Alexandre. "As origens da ciência moderna: uma nova interpretação"; "Galileu e Platão"; "Galileu e a revolução científica do século XVII". In: *Estudos de história do pensamento científico*. Rio: Forense Universitária, 1991, p. 56-79; 152-180; 181-196.

- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LAKATOS, Imre. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. SP: Cultrix/Edusp, 1979.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1985.
- _____. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1990.
- LEPARGNEUR, H. *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo: Herder/ Edusp, 1972.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- LOWY, Michaël. "Objetividade e ponto de vista de classe nas ciências sociais". In: *Método dialético e teoria política*. Rio: Paz e Terra, 1978, p. 9-34.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Lisboa: Ed. 70, 1954.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- MENDES, Trigueiro Durmeval (coord.). *Filosofia da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- OLIVA, Alberto. "A hegemonia da concepção empirista da ciência a partir do Novum Organum de F. Bacon". In: OLIVA, A. (org.). *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Campinas: Papyrus, 1990, p. 11-33.
- PAVIANI, J. e BOTOMÉ, L.P. *Interdisciplinaridade: disfunções conceituais e enganos acadêmicos*. Caxias do Sul: Edit. da Univ. de Caxias do Sul, 1993.
- _____. *Acesso à pós-graduação - uma estratégia para desenvolver qualificação institucional de universidades através de mestrados e doutorados descentralizados*. Caxias do Sul: Edit. da Univ. de Caxias do Sul, 1994.
- PLASTINO/MARICONDA. "Filosofia das ciências naturais". In: CHAUI, M. et alii. *Primeira filosofia*. Op. cit., p. 196-217.
- POPPER, K.R. "Ciência: conjecturas e refutações"; "Previsão e profecia nas ciências sociais". In: *Conjecturas e refutações*. Brasília: Ed. Univers. de Brasília, s/d., p. 63-88; 367-377.
- _____. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1974, p. 27-50: "Colocação de alguns problemas fundamentais".
- _____. *A miséria do historicismo*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980.

- PRADO JR., Caio. *Dialética do conhecimento*. São Paulo: Brasiliense, 1980, 6. ed., p. 190-286: "Brecha na metafísica - elaboração da matemática".
- RÖD, Wolfgang. *Filosofia dialética moderna*. Brasília: Edit. Universidade de Brasília, 1984.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. Rio de Janeiro: Cortez, 1986.
- SEVERINO, E. *A filosofia moderna*. Lisboa: Ed. 70, s/d., p. 11-63; 65-77.
- SILVA, Franklin L. e. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993.
- SINGER, Paul. *Método em Economia*. Porto Alegre: Faculdade de Ciências Econômicas/ Centro de Estudos de Economia Política, 1980.
- STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea*. (Vol. 2). São Paulo: EPU/ EDUSP, 1977, p. 353-391: "A evolução do conhecimento: avanço não-cumulativo do saber e dinâmica das teorias. O pensamento de Thomas S. Kuhn".
- STEIN, Ernildo. *Epistemologia e crítica da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- TRIGUEIRO, Durmeval Mendes (coord.). *Filosofia da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.